

Confissões de uma estrela:

"Adoro comida chinesa, mas não esqueço o caril de amendoim"

— Lurdes Mutola, ao SAVANA

Por Ângelo Munguambe

Está de férias. Bem merecidas, diga-se de passagem. Afinal foi um ano de correrias loucas. Em afirmação da glória. A encerrar, uma medalha de bronze nos Jogos de Atlanta. Quem é ela? Quem é ela? Maria de Lurdes Mutola, ex-residente da "célula F" do bairro do Chamanculo. "Não me lembro bem se é "célula F" ou não, mas qualquer coisa muito aproximada a isso. Quanto às comidas? (risos). Olhe, adoro comida chinesa, mas não me esqueço daquilo que a minha mãe me ensinou: cozinhar caril de amendoim".

Dispensa apresentação. Dela, muito já se falou. Porém, o mundo não se cansa de o fazer. Continuamente. É tema de capas. De referência obrigatória sempre que se fale do atletismo. Ode às suas proezas. Que espantam a meio mundo, menos a ela: "Já estou habituada", confessa.

Lurdes Mutola! Um nome que, infunde respeito na arte de devorar distâncias. Um nome de guerra para as gerações vindouras.

Como é que foi a viagem para Maputo?

"Bastante cansativa, mas, sobretudo, feia. Às tantas, o motor esquerdo do avião avariou, derramou-se combustível, houve pânico entre os passageiros, e voltámos à pista. Graças a Deus, tudo, depois, correu bem".

Acredita em Deus?

"Sou cem por cento religiosa. Rezo muito e sou católica".

É supersticiosa?

"Muito".

Conta lá uma das tuas superstições.

"Sempre que vou às provas e perco duas vezes seguidas não uso mais os mesmos equipamentos".

Tem medo de viajar de avião?

"Claro que tenho medo, mas, para as grandes distâncias não tenho outro remédio".

É facilmente reconhecida nos aeroportos por onde passa?

"Sim. As pessoas criam-me facilidades principalmente no caminho dos passaportes, pois, ao lerem o nome, ficam boquiabertas e depois é tudo facilidades".

Como se sente no Hotel Polana?

"Sinto-me bem, no Polana, mas não era o meu desejo estar aqui. Gostaria de estar na minha casa. Minha própria casa, porque, no Chamanculo, a casa já anda cheia. Tenho muitos sobrinhos e seria injusto que as crianças saíssem sempre que eu chego. Tenho um terreno garantido, mas questões burocráticas emperram com tudo. Almoço no Chamanculo com os meus pais, embora eles não me aconselhem a estar lá à noite, com medo que seja raptada. A família não anda muito sossegada. Já houve muitos casos".

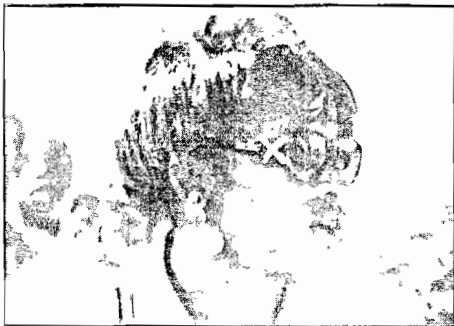
Enos Estados Unidos como é a sua protecção?

"Nos EUA, a criminalidade é

maior, mas, na cidade onde vivo (Eugene), as pessoas são muito chegadas, é uma cidade pacata".

Tem recebido convites para passear aqui em Maputo?

"Aos montes. Todos querem sair comigo. Veja que ainda não fui à praia e é uma pena. Segunda-feira vou a Beira porque a gente de lá diz para eu lhe visitar, porque segundo argumento, sou de Moçambique e não de Maputo".



Que pratos moçambicanos gosta de comer?

"Eu gosto de caril de amendoim, e não me esqueço do seu modo de preparar, embora nos EUA não tenha oportunidade de comer esse prato. Lá não há malapa, mas não me esqueço dessas comidas".

E quanto a pratos americanos?

"Uff! Aquilo é só hamburguers dum lado para o outro. Por isso, inclino-me mais aos pratos chineses que têm arroz e verduras. Por outro lado, cozinho laranja e preparo frango para os meus amigos. Adoro frango. Olha, escreva lá no teu jornal que na passada semana comi *ntxima* na África do Sul com o embaixador e foi bestial. Há quanto tempo eu não saboreava *ntxima*!"

Já viu de perto o Billy Clinton?

"Muitas vezes".

Dennis Rodman é realmente um bom basquetebolista?

"Em termos de jogador, é bestial. Mas, como pessoa, é uma besta. Mas que fique claro. As suas atitudes têm encaixado no seio de algumas pessoas. É tudo questão de cultura".

Qual o político que mais admira?

"A democracia..."

Se te convidassem a fazer campanha para um partido aceitava?

"Nunca. Não gosto de política, embora goste de ouvir os políticos 'papaguearem'".

O que pensa de Afonso Dhlakama?

"Gosto dele tanto que presidente da Renamo, um dos maiores partidos de Moçambique. Nunca conversei com ele, e já nos cruzámos uma vez no aeroporto e cumprimentámo-nos. Claro que se me convidasse iria ter com ele sem hesitar, embora não saiba se é simpático ou não".

E Joaquim Chissano?

"Bom ele é aquilo que todo o mundo sabe. Presidente de Moçambique. Uma pessoa bastante chegada a mim e sempre que venho de férias tem me convidado à sua casa".

Domingos Arouca?

"Quem? Vi esse nome num jornal".

Que ideia tem da SIDA?

"É o mal do século. Fiz um 'spot' para uma cadeia televisiva da Suécia em português e in-

ção. A guerra acabou as possibilidades de intercâmbio são maiores, mas nada anda. Veja que até já me falaram de corrupção. Não se justifica esta estagnação, volto a repetir".

Qual a cor que mais gosta?

"Gosto da cor que simboliza a paz: o branco".

Já agora o que acha do acordo de paz?

"Foi muitíssimo bom. Respira-se à vontade e Deus vai ajudar muito ao povo".

Lurdes, há muito que estás fora e as pessoas já se esqueceram onde vens?

"Sou do Chamanculo, 'célula F'. Não me lembro bem mas a 'célula' está mais ou menos nesse redor".

O que pensa de Samora Machel?

"Eu era muito pequena na altura e não tenho ideias claras sobre ele. Sei que era um grande líder e foi pena o sucedido".

Na escola primária, eras uma menina regulu, introvertida ou gaseitona?

"Não era lá uma aventureira assim assim. Era tímida e brincalhona fora das aulas".

A Lurdes é ambiciosa de dinheiro e fama?

"Não sou assim tanto. Sou uma pessoa simples, mas a actividade que exerço movimenta dinheiro, e, embora este não seja tudo na vida, é sempre bom tê-lo nem que seja um bocadinho".

Tem alguém que gere o seu dinheiro?

"Eu própria. Pago salários aos meus treinadores".

Conta lá essa estória de salários...

"É verdade. Pago bem aos meus técnicos. Tenho um casal que são os meus treinadores e um empresário. O casal, agora, está separado, por isso, em vez de pagar a duas, pago a três pessoas. Isso até criou um certo burburinho, porque diminui a percentagem, mas as contas estão saldadas".

Com o dinheiro que ganha sente-se uma mulher diferente?

"Um bocado. É o seguinte com o que ganho, sinto que dei um passo na vida e alguma coisa está resolvida. Sinto-me como quem está à vontade. Comprei a minha própria casa, em Eugene, de três quartos, duas garagens e um alto jarrum".

Tem animais de estimação?

(Risos) "Não me dá jeito ter animais de estimação, porque viajo muito e podem morrer à fome. A minha sobrinha que vive comigo também não tem tempo. Tenho apenas um aquário com peixinhos dourados (golden fish)".

O que significou para ti perder os 800 metros?

"A derrota do século. Já passavam quatro anos sem conhecer o sabor amargo da derrota. E tinha que ser logo nos jogos olímpicos. Bolas. Foi difícil digerir a derrota".

Há quem diga que a sua derrota foi preparada pelos americanos...

"Isso é verdade. Eles tinham apostado numa atleta que durante os treinos, fez uma marca estupenda 1.57. Para os ameri-

canos eu já não era nada. Só que para a tristeza geral ela nem aos meus calcanhares se aproximou. Vivo lá, mas eles têm os seus ídolos nacionais e um atleta estrangeiro tem que se empregar a fundo por causa destas americanices. Porém, em Eugene onde vivo, eu sou a rainha dos habitantes. Sabia que esta cidade é a capital do atletismo? Quando há provas internas aquilo é uma loucura..."

Dizem que a Lurdes foi bastante assediada pelos homens do controlo anti-doping. Há quem diga que até vinham à sua casa a altas horas da noite...

"É verdade que fui bastantes vezes visitada, mas há um exagero nas horas. Por quatro vezes fui obrigada a fazer controlo. É por isso que todo o cuidado é pouco. É necessária muita prudência para um atleta de alta competição ao aceitar convites, sem mais nem menos, para lanchar ou sair para jantar. Sem tu esperares eles aparecem e tudo pode ir abaixo por causa de uma simples coca-cola, por exemplo".

O facto de ter participado em provas de 1000 metros não terá influenciado para um desgaste físico comprometedor nos 800 metros, que é uma prova de velocidade?

"É um equívoco que muitos têm quando dizem que estive esgotada. O meu treino é computadorizado, e tenho uma treinadora competente. De resto, só quem não conhece a modalidade pode dizer coisas dessas".

Qual foi a sua maior mágoa no atletismo?

"Ter perdido o recorde dos 1000 metros".

E a maior alegria?

"Foi a vitória, em Estugarda, no campeonato do mundo em 1993".

E a maior mágoa fora do atletismo?

(Risos) "Já não me recordo". Já agora, a maior alegria fora das corridas?

"Ter alcançado algo na minha vida. Ir viver e correr nos Estados Unidos".

A Lurdes gostou, em tempos, de futebol. Diga lá o nome de cinco jogadores que mais gostava de ver jogar nessa altura...

"Calton Banze; aquele do Matchedje como é que se chama? Ah! é o Nico. O Pelenbe, o Vicentinho e o Dover, aliás não, é o Nuro Americano".

O que há a dizer em relação ao seu casamento?

(Risos) "Ainda é cedo. Nada posso dizer. São coisas que levam tempo, e é preciso estar certo do que se quer, para além de ver os benefícios que isso possa trazer".

Quem é o seu ídolo?

"Michael Johnson".

Vamos fazer um pequeno jogo. Numa pontuação de 0 a 10, qual a pontuação que dava aos melhores atletas americanos?

"Ao Carl Lewis dava 9. Ao Michael Johnson dava 8 e aos restantes que são muitos, dava 7".

E àquela menina moçambicana do Chamanculo que gostava de jogar futebol com os rapazes que pontuação dava?

(Risos) "10. Chega?"

Claro que o mereces, Lurdes. Tenho fé. ■